



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FACED**

JOELEN DO NASCIMENTO CAVALCANTE

**O PROFESSOR PEDAGOGO NO ENSINO FUNDAMENTAL:
Um olhar reflexivo a partir da literatura.**

**Capanema-PA
2025**

JOELEN DO NASCIMENTO CAVALCANTE

**O PROFESSOR PEDAGOGO NO ENSINO FUNDAMENTAL:
Um olhar reflexivo a partir da literatura.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Faculdade de Educação, Campus Universitário de Bragança, como critério de avaliação para a obtenção do título de Pedagoga.

Orientadora: Norma Cristina Vieira Costa.

**Capanema-PA
2025**

JOELEN DO NASCIMENTO CAVALCANTE

**O PROFESSOR PEDAGOGO NO ENSINO FUNDAMENTAL:
um olhar reflexivo a partir da literatura.**

Banca Examinadora

Prof. Dra. Norma Cristina Vieira Costa

Assinatura _____

Prof. Dra Ana Paula Vieira e Sousa

Assinatura _____

Prof. Dr. Francisco Pereira de Oliveira

Assinatura _____

AGRADECIMENTOS

Dedico esse trabalho primeiramente a Deus, que me concedeu forças e sabedoria para seguir firme em cada etapa dessa jornada, minha eterna gratidão.

Aos meus pais, Helena e Cavalcante, pelo amor, apoio incondicional e ensinamentos que sempre me inspiraram a não desistir dos meus sonhos.

De maneira especial, ao meu filho, Antonio Carlos, que foi minha maior motivação para permanecer até o fim do curso. Cada conquista alcançada tem, sobretudo, o reflexo do amor e da esperança que ele representa em minha vida.

À minha orientadora, professora Norma Cristina, pelo acolhimento, paciência e dedicação em cada orientação, contribuindo de forma significativa para a construção deste trabalho.

À Universidade Federal do Pará pelo suporte e por possibilitar minha formação em Pedagogia, nesta instituição que é referência mundialmente.

E, por fim, aos amigos e pessoas que fizeram parte dessa jornada acadêmica, pela convivência, aprendizagens e companheirismo ao longo desses anos de formação.

SUMÁRIO

RESUMO.....	06
1 INTRODUÇÃO.....	07
2 PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	10
3 OS LUGARES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS: Gênero, docência masculina e preconceito, identidade do professor pedagogo.....	09
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	15
5 REFERÊNCIAS.....	16

O PROFESSOR PEDAGOGO NO ENSINO FUNDAMENTAL: Um olhar reflexivo a partir da literatura.

JOELEN DO NASCIMENTO CAVALCANTE

RESUMO

Este artigo tem como objetivo oferecer uma reflexão sobre a presença dos professores pedagogos no ensino fundamental, com foco na construção de suas identidades e nas dinâmicas de gênero em um espaço tradicionalmente ocupado por mulheres. Baseado em autores como Guacira Lopes Louro, Frederico Assis Cardoso e Amanda Oliveira Rabelo. A partir dessas referências, refletiremos sobre trajetórias, desafios e estratégias, destacando as questões sociais e de gênero que envolvem a atuação docente.

Palavras-chave: Professores pedagogos. Ensino Fundamental Anos Iniciais, relações de gênero, Amazônia Paraense.

1 INTRODUÇÃO

Nossos corpos constituem-se na referência que ancora, por força, a identidade. E, aparentemente, o corpo é inequívoco, evidente por si; em consequência, esperamos que o corpo dite a identidade, sem ambiguidades nem inconstância. Aparentemente se deduz uma identidade de gênero, sexual ou étnica de "marcas" biológicas; o processo é, no entanto, muito mais complexo e essa dedução pode ser (e muitas vezes é) equivocada. Os corpos são significados pela cultura e, continuamente, por ela alterados. (Guacira Louro , 2000, p.8)

O artigo centra-se na análise da presença e atuação dos professores pedagógicos no ensino fundamental, com ênfase na construção de suas identidades profissionais e nas questões de gênero envolvidas nesse contexto, refletindo sobre as dinâmicas sociais e culturais que moldam essa realidade. Como esses profissionais, sobretudo no contexto do ensino fundamental, constroem suas identidades em meio às expectativas, papéis e estereótipos ligados ao gênero — processos esses que são moldados pelas dinâmicas sociais e culturais, como destacam as reflexões de Louro. A autora evidencia que, embora haja uma expectativa de que o corpo — e por consequência, a identidade de gênero — seja algo evidente e fixo, na realidade, essas identidades são significados pela cultura e estão sujeitas a transformações. Assim, tanto no âmbito da prática docente quanto na formação da identidade de gênero, há uma complexidade que desafia a visão de que tais identidades são naturais ou imutáveis; elas são, na verdade, resultado de processos culturais dinâmicos, o que reforça a importância de refletir criticamente sobre as construções sociais que envolvem o corpo, a identidade e, por fim, o papel dos professores na escola.

A presença do professor no ambiente escolar é fundamental na formação e desenvolvimento das crianças, especialmente no ensino fundamental, etapa que marca o início da trajetória educacional dos estudantes. Nesse contexto, a figura do docente tem sido objeto de debates e reflexões que envolvem questões de identidade profissional, formação, práticas pedagógicas e, sobretudo, as configurações de gênero que permeiam esse espaço de saber e cuidar. O foco central em estudar a presença de homens como professores atuando na Educação Básica, anos iniciais, é importante para promover uma reflexão sobre a diversidade de gênero no contexto escolar.

A Pedagogia historicamente assumiu um discurso ideológico de ser uma profissão de mulheres, assim, a presença de professores pedagogos nesse contexto desafia estereótipos e desperta questionamentos sobre os caminhos percorridos por esses profissionais na escolha da

carreira docente. Louro (1997), analisa que essa representação social produz um modelo de feminilidade no magistério, reforçando estereótipos de gênero e limitando a atuação masculina nesse campo. Ao mesmo tempo, a presença de professores homens desafia esses estereótipos, abrindo possibilidades para uma compreensão mais plural e diversa da profissão, rompendo com a ideia de que a educação infantil e os Anos Iniciais são espaços exclusivamente femininos. Assim, a presença masculina na pedagogia questiona os caminhos tradicionais e favorece uma transformação cultural no entendimento do papel do professor, promovendo maior equidade de gênero na educação.

A Lei Brasileira da Educação, nº 9394/1996, indica que o Ensino Fundamental Anos Iniciais é uma etapa importante da Educação Básica, marcada pela responsabilidade de consolidar as bases do letramento, da alfabetização e do desenvolvimento integral das crianças. Historicamente, essa etapa tem sido predominantemente ocupada por professoras, reforçando uma percepção sociocultural de que a docência nos Anos Iniciais está mais alinhada ao papel feminino, associado ao cuidado e à maternidade (LOURO, 1997). Visão superada pelo Movimento Social, Movimento Feminista e outros movimentos. No entanto, a presença de homens desafia essas construções culturais, trazendo à tona questões sobre gênero, identidade profissional e as motivações que os levam a optar por uma profissão frequentemente marcada por estereótipos de gênero.

Esta pesquisa propõe investigar a presença de homens na área da Educação Básica, sobretudo, no Ensino Fundamental Anos Iniciais, pois os seus desafios, trajetórias e estratégias em ocupar um espaço, ainda é travessado pelo preconceito por parte de quem planeja a lotação de professores/as para atuarem com crianças. As mulheres não têm culpa, a culpa é do sistema e secretarias, gestão escolar etc., que não inclui a família no planejamento escolar. Priorizou-se discutir o objeto de pesquisa a luz das/o autoras/o: Guacira Lopes Louro, Amanda Oliveira Rabelo e Frederico Assis Cardoso. A escolha das três referências no campo teórico de gênero e docência masculina tem relação com as minhas vivências no trabalho de apoio em sala de aula e como mãe, em que raramente percebi a presença de homens professores de formação em Pedagogia atuando em sala de aula.

Estudar esse campo teórico gênero, Educação e professor pedagogo, tem o sentido de entender esse conhecimento a partir de três profissionais, que considero fundamental para ampliar as discussões sobre a pluralidade na educação e a quebra de paradigmas relacionados ao gênero no contexto escolar. Além disso, apresenta-se algumas reflexões sobre o impacto

da presença masculina nesse espaço educativo. Estudos de Arroyo (2013) destacam que a docência é um campo permeado por desigualdades de gênero, e compreender as experiências de professores homens nos Anos Iniciais pode contribuir para desnaturalizar concepções que limitam a pluralidade nas escolas.

Na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, as diferenças entre o trabalho pedagógico de mulheres e homens estão mais ligadas a fatores sociais e culturais do que a competências profissionais. As mulheres são maioria nesses níveis de ensino, pois historicamente a sociedade associou o cuidado, a paciência e a sensibilidade — características consideradas “femininas” — ao ato de ensinar crianças pequenas. Assim, o trabalho das professoras costuma ser visto como uma extensão do papel materno, voltado ao acolhimento e à afetividade. Já os homens são minoria nesses espaços e, quando atuam, muitas vezes enfrentam preconceitos ou desconfiança, já que o cuidado infantil ainda é socialmente considerado uma tarefa feminina. Em geral, os professores homens tendem a ser valorizados pela postura de autoridade, disciplina e liderança, enquanto as professoras são reconhecidas pelo carinho e atenção com os alunos.

Essas diferenças não significam que homens e mulheres ensinam de formas opostas, mas revelam como o gênero influencia a forma como a sociedade interpreta o trabalho pedagógico. Na prática, tanto mulheres quanto homens são capazes de desenvolver um ensino de qualidade, combinando cuidado, afeto e responsabilidade.

A escolha pelo tema tem relação com a minha percepção e vivências, observadas durante alguns anos, indo deixar o meu filho na escola, que a presença de homens nessa área é significativamente menor. Assim, fiquei motivada em pesquisar as razões que levam homens a escolher a formação em Pedagogia como profissão, especialmente em uma área predominantemente ocupada por mulheres. Segundo Tardif (2014), a identidade docente é construída a partir das interações entre o indivíduo e o meio, envolvendo saberes pessoais, profissionais e sociais. Assim, investigar as vivências desses professores pode revelar aspectos importantes sobre os processos de construção identitária e sobre como a questão de gênero influencia a prática pedagógica.

Partindo da ideia de que os professores pedagogos escolheram o Curso pela motivação de atuar no ensino com crianças. Assim, o problema busca pesquisar quais as motivações na escolha do ser professor pedagogo no Ensino Fundamental Anos Iniciais. Quais as estratégias utilizadas para manter-se em um lugar culturalmente pensado para as mulheres.

O objetivo principal da pesquisa é compreender, a partir da literatura, a presença de homens nos anos iniciais da Educação Básica, refletindo sobre os impactos dessa inserção em um espaço culturalmente ocupado por mulheres.

Analisar nos textos de Guacira Louro, Amanda Rabelo e Frederico Cardoso as percepções teóricas sobre gênero, docência de homens e identidade masculina no Ensino Fundamental Anos Iniciais.

2 PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A presente pesquisa caracteriza-se por uma abordagem qualitativa, de natureza documental voltada à análise do papel dos professores pedagógicos no ensino fundamental a partir de uma leitura crítica de autores que abordam as questões de gênero, identidade e prática docente na perspectiva literária. O método qualitativo preocupa-se, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ele trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (Minayo, 2014, p. 21).

Neste estudo, utilizaremos uma análise interpretativa das obras "Mulheres na sala de aula", de Guacira Lopes Louro, "Homens na docência", de Frederico Assis Cardoso, e "Eu gosto de ser professor e gosto de crianças", de Amanda Oliveira Rabelo, buscando compreender como esses textos contribuem para uma reflexão aprofundada sobre as experiências e percepções desses profissionais no contexto escolar.

- Razões que levaram à escolha da docência nos Anos Iniciais;
- Desafios relacionados à construção da identidade docente em um espaço predominantemente feminino;
- Percepções sobre os estereótipos de gênero enfrentados no cotidiano escolar.
- Os dados foram organizados, tratados e discutidos. Em seguida foi realizada a construção do artigo.

Ao longo da pesquisa adotou-se uma leitura reflexiva, dos três textos de autorias de Louro, Rabelo e Cardoso reconhecendo a complexidade do fenômeno estudado e valorizando as múltiplas vozes presentes na literatura. Dessa forma, esta pesquisa de caráter bibliográfica

pretende contribuir para o desenvolvimento de uma compreensão mais aprofundada e sensível sobre a atuação dos professores pedagógicos no ensino fundamental, a partir de um recorte de achados e reflexões da literatura de gênero que valoriza as experiências humanas e sociais envolvidas no ato de ensinar e aprender.

3 OS LUGARES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS: Gênero, docência masculina e preconceito, identidade do professor pedagogo

A docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental tem sido historicamente marcada por uma predominância feminina, fruto de construções socioculturais que associam a profissão a características como cuidado, paciência e afeto, frequentemente atribuídas ao gênero feminino (LOURO, 1997). Esse cenário reflete uma visão tradicional de gênero que, segundo Scott (1995), é construída socialmente e determina as expectativas em relação aos papéis de homens e mulheres na sociedade.

A presença de professores pedagogos homens cisgênero nesse espaço educativo pensado e ocupado historicamente por mulheres desafia esses estereótipos e levanta questões importantes sobre as relações de gênero no magistério. Pesquisas recentes destacam a importância de compreender as motivações e as experiências de homens que optam por atuar nos Anos Iniciais. Para Tardif (2014), a escolha pela docência não é apenas fruto de um desejo individual, mas também de interações sociais que moldam a identidade profissional do professor. A identidade docente, portanto, é uma construção dinâmica, influenciada tanto pelas trajetórias pessoais quanto pelo contexto em que o profissional está inserido.

Outro ponto relevante é a análise dos desafios enfrentados por esses professores em um ambiente onde a masculinidade pode ser questionada ou vista como "deslocada". No contexto escolar, isso pode significar desde questionamentos sobre suas capacidades pedagógicas até suspeitas sobre sua motivação para trabalhar com crianças pequenas. Historicamente, a profissão docente nos Anos Iniciais foi configurada como uma extensão do papel maternal, reforçando a feminização do magistério. Essa visão, segundo Arroyo (2013), precisa ser desconstruída para que a educação seja reconhecida como um campo plural, capaz de acolher diversas perspectivas e contribuições. A presença de professores homens pode enriquecer o ambiente educacional, promovendo uma diversidade de práticas pedagógicas e fortalecendo a equidade de gênero na escola.

Estudos também apontam que a escolha pela docência masculina nos Anos Iniciais é marcada por uma série de ressignificações. Conforme Bourdieu (1992), as práticas sociais são moldadas por estruturas simbólicas que definem o que é ou não legítimo em determinado campo. Assim, ao escolherem a docência, os homens que atuam nessa área desafiam normas culturais e contribuem para transformar as concepções tradicionais sobre o magistério.

Dessa forma, a fundamentação teórica deste trabalho será construída com base em estudos sobre identidade docente, gênero e educação, enfatizando a relevância de entender como as construções sociais e os estereótipos influenciam as escolhas e vivências dos professores pedagogos do sexo masculino nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Ao refletir sobre os processos de ensino e a formação de identidades de gênero no contexto escolar, percebo a importância de compreender as diferentes posições dos professores e professoras na construção de um espaço de aprendizado que seja inclusivo e valorizador das pluralidades. As obras de Guacira Lopes Louro, Frederico Assis Cardoso e Amanda Oliveira Rabelo oferecem perspectivas distintas, porém complementares, sobre os lugares de gênero na educação, especialmente no trato com crianças.

Guacira Lopes Louro (1997), em "Mulheres na sala de aula", evidencia que a presença feminina no Ensino é dominada por um imaginário social que associa o feminino ao cuidado, à didática e às práticas pedagógicas relacionadas ao afeto e à formação emocional das crianças. Ela afirma que a condição feminina no espaço escolar é marcada por um conjunto de significados, práticas e representações que determinam o modo como as mulheres se apropriam de sua identidade de professora. Essa construção social reforça uma posição do gênero feminino como natural e indispensável para o cuidado e a formação infantil, muitas vezes reforçando estereótipos que limitam a liberdade de atuação das mulheres na escola. Assim, a questão do gênero na sala de aula para Louro está relacionada ao papel social que atribuímos às mulheres e às práticas pedagógicas que, muitas vezes, as reproduzem.

A autora evidencia que, desde o século XIX, as práticas educativas foram atravessadas por distinções de gênero. Meninos e meninas recebiam instruções diferentes: enquanto eles eram orientados para o raciocínio lógico e científico, elas eram destinadas a atividades manuais e ligadas ao espaço doméstico. Essa separação curricular reforçava a ideia de que a mulher estava destinada prioritariamente à vida privada, ao cuidado e à docilidade. Assim, a escola funcionava como um espaço de legitimação de papéis sociais, perpetuando desigualdades de gênero.

Louro (1997) também destaca que a sala de aula não foi apenas um lugar de submissão feminina, mas igualmente de resistência e protagonismo. Muitas mulheres, ao se tornarem professoras, conquistaram visibilidade social e certa autonomia econômica, rompendo, ainda que parcialmente, com padrões tradicionais de subordinação. Dessa forma, a autora chama atenção para as ambiguidades desse processo: a escola tanto disciplinava os corpos femininos quanto possibilitava espaços de emancipação. Outro ponto relevante é a forma como a identidade da professora foi socialmente construída. Louro (1997) analisa representações criadas por médicos, parlamentares, religiosos e educadores da época, que delineavam o perfil ideal da mulher-professora: recatada, dedicada, moralmente exemplar e “vocacionada” para ensinar. Tais imagens foram incorporadas e, muitas vezes, reproduzidas pelas próprias mulheres que ingressaram no magistério, reforçando um modelo de feminilidade associado ao cuidado, à paciência e à abnegação.

Portanto, discutir sobre as Mulheres na Sala de Aula, significa refletir sobre como o campo educacional se tornou um espaço de disputas e negociações de gênero. A escola não apenas transmitiu conteúdos, mas também funcionou como instância reguladora de comportamentos, ao mesmo tempo em que abriu brechas para a ação de mulheres que transformaram seu papel social por meio da docência. O estudo de Louro (1997) nos convida a compreender o magistério não como uma simples ocupação feminina naturalizada, mas como um fenômeno histórico e cultural, atravessado por relações de poder e por possibilidades de resistência.

Por outro lado, Frederico Assis Cardoso (2004), em "Homens na docência", discute a presença minoritária dos professores homens na educação infantil e nos anos iniciais, ressaltando que o ensino brasileiro foi historicamente construído por homens e sobretudo para homens. Ele aponta que a presença de professores homens na educação infantil e nos anos iniciais do ensino é uma questão que reflete não apenas as dinâmicas institucionais, mas também os significados sociais atribuídos às questões de gênero no campo da educação. Historicamente, a prática docente, especialmente em relação às crianças, foi fortemente marcada por um feminino hegemônico, onde o ensino brasileiro foi construído por homens e sobretudo para homens, como aponta o próprio estudo de Homens na docência. Essa trajetória revela que o papel do homem na escola não é neutro, mas carregado de simbolismos que se reforçam na cultura e na história social do Brasil.

Ao abordar essa temática o estudo revela que o número de homens atuantes na docência é ainda limitado, mas sua presença demonstra uma resistência a um processo de

feminilização do espaço escolar. Segundo o autor, embora a quantidade de professores homens seja relativamente baixa, sua atuação constitui uma questão social relevante, pois representa um movimento de permanência e resistência frente a uma prática socialmente marcada pelo feminismo docente. Nesse sentido, a análise do lugar de gênero dos professores homens na escola permite pensar como esses sujeitos vivem, percebem e constroem sua identidade profissional em um campo feminizado. A questão do gênero e da sexualidade é fundamental na compreensão dessas identidades, uma vez que o espaço escolar, historicamente, reforça modelos de masculinidade que muitas vezes excluem ou limitam a atuação pedagógica baseada em afeto, cuidado e sensibilidade — atributos tradicionalmente associados às mulheres. Como argumenta o estudo, os professores homens frequentemente enfrentam o desafio de construir uma identidade que escape do estereótipo de masculinidade hegemonicamente marcada pela autoridade e pela distância emocional. Nesse sentido, a perspectiva de feminização do trabalho docente, reforçada por discursos sociais e institucionais, cria uma espécie de “lugar difícil” para esses profissionais masculinos, que tentam, muitas vezes, ressignificar suas práticas e suas identidades.

As narrativas e depoimentos apresentados no estudo evidenciam que esses professores buscam, por vezes, se diferenciar do que é considerado masculino tradicional, promovendo relações afetivas mais próximas às crianças e resistindo às imposições de uma masculinidade hegemônica. Como coloca o autor, o vínculo afetivo e a valorização do cuidado representam possibilidades de ressignificação da masculinidade no contexto escolar. Esses relatos reforçam a ideia de que o exercício da docência pode ser um espaço de construção de identidades plurais, onde o gênero deixa de ser uma variável determinante para se configurar uma prática pedagógica mais sensível e acolhedora. Por outro lado, a presença dos professores homens também provoca reflexões sobre os locais tradicionais de saber e poder na escola. Como destaca o estudo, o campo da educação sempre foi um espaço de reprodução de práticas de poder, muitas vezes marcadas por relações de dominação e hierarquia de gênero. Dessa forma, é importante questionar como as instituições educativas reproduzem ou desafiam esses códigos de gênero e de que maneira podem promover uma maior democratização dessas relações.

Assim, ao analisar o papel dos professores homens na Educação Infantil, é imprescindível reconhecer que suas experiências e práticas cotidianas impactam diretamente nas interações com as crianças e na transmissão de valores sociais acerca de gênero. O texto revela que, embora a presença masculina ainda seja uma exceção, esses profissionais podem

contribuir para a desconstrução de estereótipos e para a construção de uma pedagogia mais sensível às questões de identificação de gênero e diversidade cultural. Como afirma o próprio autor do estudo, a valorização e a visibilidade dos professores homens representam uma possibilidade de transformar os lugares tradicionais de gênero na escola.

Portanto, compreender os lugares de gênero na educação com crianças requer uma análise crítica das imagens, dos discursos e das práticas envolvidas na construção da identidade desses sujeitos – professores e alunos. A presença masculina na escola pode atuar como um agente de mudança, promovendo debates e práticas pedagógicas que rompem com a lógica de segregação e reforço de papéis tradicionais. Desse modo, o estudo dos professores homens, ao mesmo tempo em que revela suas dificuldades e desafios, aponta também para possibilidades de resistência, de inovação e de construção de uma escola mais inclusiva e democrática.

De outra forma, Amanda Oliveira Rabelo (2010), em "Eu gosto de ser professor e gosto de crianças", traz uma reflexão profunda sobre a presença masculina na educação do ensino primário, uma área majoritariamente ocupada por mulheres. A autora ressalta ainda que, embora a presença de homens seja significativamente menor, diferentemente do que divulgam algumas representações que circulam no imaginário da sociedade, os homens também gostam de crianças e escolhem a profissão docente por opção.

O texto de Rabelo (2010) revela que, para os professores do gênero masculino entrevistados, a motivação para a escolha da profissão vai além de fatores extrínsecos, como estabilidade e status social; eles apontam principalmente motivos intrínsecos, como o gosto pela profissão, a afinidade com as crianças e o desejo de contribuir com a formação delas. Conforme Rabelo (2010, p. 170-171), "a maioria desses professores escolheu a profissão por gosto e não porque esta foi a melhor opção possível", destacando que os fatores intrínsecos foram os mais citados: o gosto pela profissão aparece com maior frequência nas respostas, ou seja, a maioria destes professores escolheu a profissão porque gosta da mesma (78,3% dos portugueses e 80,5% dos brasileiros).

Outra questão fundamental abordada pela autora é a representação social de que o trabalho com crianças estaria ligado a atributos considerados femininos, como a maternidade, o que influencia na pouca presença masculina nesta área. Rabelo aponta que as representações associadas aos atributos ditos femininos, assim como outros fatores (como baixo estatuto financeiro e social), exercem/exerceram grande influência na escolha profissional dos professores questionados. No entanto, os dados do estudo mostram o contrário ao apontar que

muitos homens escolhem essa carreira por afinidade, e não por imposição de expectativas sociais ou pela dificuldade de inserção no mercado de trabalho, como o discurso comum sugere. A autora também discute a questão do estereótipo de que apenas as mulheres possuem dons maternais naturais, e argumenta que não basta gostar de criança para estar apto a lecionar. Destaca que talvez esse olhar ingênuo faça com que a profissão seja tão desvalorizada, não só aos olhos dos governantes, mas também aos olhos dos pais e das mães que deixam seus filhos na escola.

Assim, o envolvimento emocional e afetivo com as crianças é considerado uma característica importante para o bom desempenho do professor, independentemente de seu gênero. Além disso, Rabelo (2010) faz uma análise comparativa entre o Brasil e Portugal, observando que tanto a cultura quanto a colonização portuguesa influenciam as percepções sobre o magistério nessas regiões.

Por fim, a autora reforça a necessidade de uma mudança nas representações sociais e na valorização da profissão docente, especialmente na perspectiva de ampliar a presença masculina na área. Para ela, desenvolver uma imagem mais positiva e realista sobre o magistério é fundamental, uma vez que para ser professor, é preciso gostar do que faz, até porque o mal-estar docente pode levar à perda de qualidade na educação.

Os lugares de gênero na educação com crianças não são apenas uma questão de números ou de estereótipos impregnados nas práticas, mas uma questão que envolve os sentidos, as identidades e as formas de subjetivação dos sujeitos envolvidos no ato de educar. É contundente que as políticas pedagógicas e as nuances do cotidiano escolar promovam espaços de questionamento, de resistência e de reinvenção desses papéis. Nesse sentido, a formação de professores deve incorporar discussões críticas sobre gênero e seus lugares constituídos para que seja possível construir uma escola que valorize a diversidade, o respeito às diferenças e a promoção da equidade de gênero desde os primeiros anos de formação do indivíduo. Deste modo, os lugares de gênero na educação com crianças representam um campo de possibilidades para transformar as práticas pedagógicas e ampliar os horizontes de uma educação mais justa, inclusiva e plural.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo bibliográfico aprofundou-se na compreensão dos professores pedagógicos no ensino fundamental, a partir de uma perspectiva reflexiva pautada na análise de obras literárias que tratam das questões de gênero, identidade e práticas docentes. Através da leitura

e interpretação dos textos "Mulheres na sala de aula" de Guacira Lopes Louro, "Homens na docência" de Frederico Assis Cardoso e "Eu gosto de ser professor e gosto de crianças" de Amanda Oliveira Rabelo, foi possível explorar diferentes narrativas e discursos que contribuem para uma compreensão mais crítica e sensível sobre a experiência dos profissionais da educação.

Os autores selecionados oferecem compreensões importantes, acerca das questões de identidade, dos desafios enfrentados por professores de diferentes gêneros e das percepções que esses indivíduos têm de si mesmos na atuação pedagógica. A leitura dessas obras possibilitou refletir sobre a construção social do gênero na sala de aula, os papéis tradicionais e as possibilidades de resistência e transformação vivenciadas pelos docentes. Além disso, o confronto dessas reflexões com as experiências de professores do ensino fundamental observadas e entrevistadas permitiu articular teoria e prática, evidenciando as complexidades e as possibilidades de atuação nesse contexto.

Ao longo da pesquisa, ficou evidente que a formação, as percepções de si mesmos e as interações dos professores com os alunos são profundamente influenciadas pelas narrativas sociais construídas em torno do gênero e da prática educativa. A literatura, nesse sentido, revelou-se uma ferramenta importante para promover reflexões críticas que possam subsidiar ações voltadas à valorização da diversidade de identidades e ao fortalecimento de práticas pedagógicas mais inclusivas e conscientes.

Por fim, espera-se que este trabalho contribua para o fortalecimento do debate sobre o papel dos professores no ensino fundamental, ressaltando a importância de reconhecermos as múltiplas vozes e experiências que permeiam esse campo de atuação. Enfrentar as questões de gênero e identidade no ambiente escolar não somente amplia a compreensão sobre o sujeito docente, mas também favorece o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais humanas, democráticas e comprometidas com a formação integral das crianças. Assim, reafirmamos a necessidade de contínuo diálogo entre literatura, teoria e prática educativa, proporcionando espaços de reflexão e transformação na educação brasileira.

5 REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzalez. *Ofício de mestre: imagens e auto-imagens*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1992.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União, Brasília*, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 03 nov. 2025.

CARDOSO, Frederico Assis. *A identidade de professores homens na docência com crianças: Homens fora do lugar? Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2024*. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstreams/f2a6f8b9-11cd-47a1-89ff-f4844b30c4dc/download>

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. *Mulheres na sala de aula*. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade* / Guacira C622 Lopes Louro (organizadora) Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva — Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 176p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

RABELO, Amanda Oliveira. “*Eu gosto de ser professor e gosto de crianças — A escolha profissional dos homens pela docência na escola primária.*” *Revista Lusófona de Educação*, nº 15, 2010, pp. 163-173. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=34915599012>.

SCOTT, Joan Wallach. *Gênero: uma categoria útil de análise*. Campinas: Papirus, 1994.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

